
ASSIS CHATEAUBRIAND E CLARICE LISPECTOR: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE DUAS BIOGRAFIAS

Edson Tavares Costa
Universidade Federal da Paraíba
edsontavares5@hotmail.com

Introdução

A curiosidade é um dos elementos que melhor caracteriza o ser humano. A ânsia de saber vai desde os grandes mistérios universais até a vida do vizinho. Se, algumas vezes, o conhecer está associado a um real progresso individual e social, na maioria das vezes esse saber é completamente gratuito. Saber por saber.

Nessa sociedade com tanto desejo de saber do outro, floresceu um gênero de escrita que tem alcançado, atualmente, elevados índices de aceitação – a biografia. Juntam-se, aqui, “a fome com a vontade de comer”: a fome de esmiuçar detalhes da vida de outrem, e a vontade incontrolável de “ficar por dentro” dos acontecimentos que compuseram a existência de alguém. Esta vontade faz-se tão intensa que grossos volumes são devorados praticamente de um só fôlego. Nunca se produziu (e se vendeu) tanta biografia como hoje.

Segundo Borges (2006, p. 209-10),

Dois eixos claramente embricados podem explicar hoje esse interesse pelas biografias: os movimentos da sociedade e o desenvolvimento das disciplinas que estudam o homem em sociedade.

No primeiro eixo, destaca-se um reforço enorme do individualismo, constatado por grande massa de autores das diversas áreas: cada vez mais o indivíduo tem seu espaço na sociedade e cada vez mais o homem se detém sobre ele mesmo. (...) Além desses fatos, a mídia hoje entretém grande fome de imagens e de testemunhos, enorme curiosidade sobre a vida das outras pessoas (...).

No que diz respeito ao segundo eixo, este vem das grandes quebras de paradigmas do mundo moderno, que fizeram surgir mudanças nas disciplinas acadêmicas, e, conseqüentemente “alterações na forma de se escrever a História”.

Como afirma Levi (1996, p. 168), “a biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia”; entretanto, “ao longo de mais ou menos dois milênios, autores acharam que contar a história da vida de alguém era algo distinto de uma ‘História’ (que narrava fatos coletivos e contava a verdade)” (BORGES, 2006, p. 205). É nesta controvérsia entre História e

Literatura – felizmente aos poucos sendo superada – que podemos situar o trabalho do biógrafo. Principalmente porque, tendo como objeto de descrição/narração a vida humana, esta feita de uma fluidez que quase nada tem a ver com a rigidez a que se propunha a História, alicerçada firmemente em *documentação comprobatória do narrado*, a biografia, tomando emprestados elementos literários, desenvolve-se, em termos de amplitude e aprofundamento, uma vez que a Literatura pode comportar uma infinidade de possibilidades de abordagem da vida do personagem biografado.

Reportar-nos-emos, neste texto, a duas biografias publicadas recentemente: a do jornalista Assis Chateaubriand (1994) e a da escritora Clarice Lispector (2009), respectivamente escritas pelos jornalistas Fernando Morais e Benjamin Moser, este também crítico literário. Aliás, a profissão desses autores já sugere uma primeira reflexão: a maioria das biografias não é escrita por historiadores,

mas por jornalistas e outros intelectuais. Os historiadores parecem não se preocupar com essa situação, seja por considerar o grande peso da tarefa (...) ou por estarem presos a um esquema de publicações por demais acadêmico. (BORGES, 2006, p. 212)

Como consequência, temos dois estilos diferentes de texto, ou, como afirma Borges (*op. cit.*, p. 212), “há os mais diferentes tipos de biografia”. Os dois exemplares aqui focalizados demandaram longa pesquisa, a qual atravessou anos e exigiu vasta disponibilidade dos autores, que viajaram, entrevistaram, *desenterraram* documentos, até poder apresentar os massudos volumes (ambos ultrapassam as seis centenas de páginas) nos quais contam a vida do jornalista paraibano e da escritora ucraniana-brasileira. São trabalhos realizados com a preocupação e a dedicação próprias de um produto midiático, com um fim definido: o grande público consumidor.

Os suportes

Em termos gerais, que impressões podemos ter, como leitores, nos dois casos acima? A biografia de Assis Chateaubriand, publicada pela Companhia das Letras – o que já lhe garante certo *status* nas prateleiras e na preferência de público e mídia –, com o título “Chatô, o Rei do Brasil” (o título busca cativar a atenção do leitor através da referência à realeza como sinônimo de superioridade – portanto digno de ser lido), promove um desnudamento cru da

influência desse jornalista de maus bofes na política e na sociedade brasileira por mais de meio século. Uma narrativa *metálica*, praticamente isenta de emoção – flagramos apenas uma ou outra ironia, além de várias anedotas – apresenta-nos um Chateaubriand corrupto e prepotente.

Já “Clarice, uma biografia”, produzido por um também jornalista, mas mais ligado à academia, uma vez que também crítico literário (além do mais, seu trabalho nasceu do contato com a obra clariceana em um curso que fazia, na Universidade, nos Estados Unidos), demonstra, ao longo da narrativa, bem mais que uma mera descrição/narração de uma vida: é um mergulho analítico na obra da escritora (esta, por si, já explicitamente autobiográfica), da qual se vale o autor todo o tempo, além dos depoimentos e pesquisas próprias de uma biografia, dos textos clariceanos (publicados ou não), a partir de cuja reflexão busca traçar um perfil humano-literário da misteriosa e atraente Clarice Lispector.

É importante também ressaltar alguns aspectos extra-textuais, relacionados, por vezes, ao suporte em que é publicada a biografia, e que acabam por definir características específicas da própria obra. Como afirma Darnton (1995, p. 137), a respeito da Enciclopédia, produção máxima do Iluminismo francês, a obra “merece ser estudada não só como texto, mas também como um objeto físico”.

A obra de Fernando Morais trata de uma figura de destaque na recente história nacional: um jornalista que, como se pode ler na própria capa do livro, foi “um dos brasileiros mais poderosos do século XX”. Dono de um enorme conglomerado jornalístico, que incluía jornais, emissoras de rádio e de televisão, era possuidor, igualmente, de um temperamento explosivo e um caráter duvidoso, que utilizava constantemente na consecução do que queria. Sua atuação, tanto como empresário quanto como jornalista, acabou por influenciar diretamente a vida política brasileira, a partir de 1930. Um tema como este basta-se para justificar o debruçar-se sobre ele, a fim de produzir uma obra da envergadura desse “Chatô, o Rei do Brasil”. Não obstante, há quem denuncie certo desnível interno no relato, como o jornalista e cientista político Bernardo Kucinski, professor da USP, que levanta a hipótese “de que Fernando Moraes juntou e tentou dar unidade a trabalhos de pesquisa de uma equipe de ‘n’ pessoas”, questionando, inclusive, o início da biografia: “a história também começa por uma invenção de gosto duvidoso, para uma biografia, um delírio imaginário de Chateaubriand”.¹

O caso de “Clarice, uma biografia” é diferente: Benjamin Moser não é brasileiro. A obra já aparece com este indicativo meio inusitado: um massudo livro sobre Clarice Lispector tem um tradutor. Seu autor é um jornalista e crítico literário americano, que conheceu a escri-

tora a partir da leitura de seu último romance, “A hora da estrela”, sugerida quando Moser fazia um curso de Português, nos Estados Unidos. A disponibilidade de tempo e recursos permitiu-lhe *correr mundo* em busca de informações sobre a escritora, chegando a visitar a aldeia na qual Clarice nasceu, Tchechelnik, na Ucrânia, e falando com tanta gente que foram necessárias nada menos que **oito** páginas de agradecimentos; coletando documentos os mais variados, desde fragmentos manuscritos por Clarice, até cartas que ela escreveu (e recebeu) em quantidade considerável. O autor é enfático, ao se definir: “Não sou professor, não tenho nada a ver com a literatura brasileira. O que tenho é uma missão, um pouco louca, de divulgar Clarice Lispector”,² apresentar a obra da escritora brasileira para o mundo, que tão pouco sabe da genialidade dessa artista.

Como se pode perceber, cada obra biográfica tem sua história, suas peculiaridades, tornando-a única, específica, não apenas pela unicidade da pessoa de quem se conta a vida, mas pela especificidade de sua construção. Cada trabalho biográfico traz suas próprias características, sendo, pois, inviável estabelecer comparações estruturais entre elas. De uma forma geral, acompanhamos Borges (2006, p. 218) quando ressalta que “as melhores biografias são aquelas em que o autor (...) constrói a narração de certa forma acompanhando seu percurso de pesquisa.” É como se o biógrafo se mesclasse ao conteúdo narrado, deixando transparecer ao leitor todo o trabalho de pesquisa que gerou a obra. A individualidade do autor junta-se à individualidade do biografado, garantindo essa unicidade.

Fontes e pré-requisitos

“Como se pesquisa a vida de um indivíduo? Por intermédio das ‘vozes’ que nos chegam do passado, dos fragmentos de sua existência que ficaram registrados, ou seja, por meio das chamadas fontes documentais.” (BORGES, 2006, p. 212). Diz-se que um indivíduo só morre quando morrerem todos os que conviveram com ele, pois enquanto existir alguém de sua convivência, ele estará presente nos rasgos de memória, comentários e relatos de seus contemporâneos. Aliás, é desse material precioso – os contemporâneos do biografado – que se estabelece a base da pesquisa biográfica: todo o resto nasce a partir (ou vem através) desses contatos, que podem ser familiares, amigos, colegas de trabalho etc. Quando eles não mais existem, o labor é bem mais árduo.

Entretanto, o meio mais propício de construção de uma biografia, como alerta Borges (2006, p. 214), é o material produzido pelo próprio biografado, sejam obras literárias, sejam cartas ou diários. É através desse material que

o biógrafo realiza um “mergulho na alma” de seu biografado, conseguindo penetrar no que veríamos como a intimidade da pessoa já desaparecida. E como se daria esse penetrar? Basicamente **por meio dos documentos da “escrita de si”** [grifo da autora] ou de “produção de si”, que podem nos revelar a intimidade do biografado.

Assim, da mesma forma que Moser (“Clarice, uma biografia”) valeu-se, além das obras, das cartas e manuscritos de Clarice, Morais se utilizou (embora menos intensamente) da vasta produção escrita de Chateaubriand, em seus mais de cinquenta anos de arenga pelos jornais.

Quais os pré-requisitos para se escrever uma biografia? A resposta de Borges (2006, p. 215): “Para se escrever a história de uma vida, primeiro, é preciso **aceitar o desafio**. Depois, **dispor-se ao tempo realmente necessário** [grifos da autora]. ‘A biografia é um casamento’, pois é ‘de uma longa intimidade que nasce uma biografia’ [Jean Orieux]”.

Trata-se de se sentir escolhido para fazer o trabalho, como alega Moser: “(...) não fui eu que escolhi Clarice, ela me escolheu”³. A dedicação ao trabalho deve ser, de fato, integral, pois, atrás de uma fonte que se apresenta ao biógrafo, “novas pistas se abrem e ele se arrisca a nessas se enredar” (François Dosse, *apud* BORGES, 2006, p. 220). Misturam-se, num só texto, relatos sobre a vida do biografado e impressões do biógrafo. Na verdade, como afirma Borges (*op. cit.*, p. 218), o biógrafo pode/deve se envolver tanto com a biografia, que provoque no leitor a dúvida: “quem biografava quem?”

Verdade ou verossimilhança?

A questão da **Verdade** tem sido a mais importante renúncia a que historiadores mais ortodoxos viram-se na obrigação de fazer; constata-se que não há *a verdade*, mas diferentes versões dessa verdade. Historiadores “passaram a acreditar que todo trabalho de História é uma ‘representação’. Todos nós historiadores construímos representações sobre o passado: toda História é uma construção, resultante de quem a escreve, do seu tempo e espaço, marcado por instituições e grupos.” (BORGES, 2006, p. 216). Não é de outra forma a biografia, em que “**a preocupação atual é com o verossímil** [grifo da autora], com o que nos parece poder

ser verdadeiro, o que é possível ou provável.” (Idem, p. 217). Seja no caso de Chateaubriand seja no de Clarice, o que temos são fatos prováveis, versões de fatos. Até porque a própria seleção do que se aproveita pelo biógrafo para o relato já se constitui numa outra versão dos fatos, como informa Borges (2006, p. 220):

Ao narrar os acontecimentos de uma vida (...), os fatos passam por uma seleção permanente, pois não há outra forma para narrar uma vida a não ser **selecionando o que nos parecer significativo** [grifo da autora]. Essa escolha (...) já é uma certa forma de interpretação, ou seja, uma atribuição de sentido.

Vem daí a importância de o leitor conhecer também um pouco sobre o autor do texto, sua relação com o biografado, a participação que teve em sua vida, o objetivo da produção da obra etc., para melhor poder aquilatar as informações nesta contidas. Determinadas posições do narrador, em relação ao biografado, podem ser melhor percebidas se tivermos conhecimento a respeito do autor do texto, como sua origem, ideologia defendida alhures, outras obras publicadas, relação com o biografado etc.

Por outro lado, um biografado não existe isolado de sua comunidade, de sua realidade, notadamente quando exerce algum tipo de influência sobre ela – e assim é sempre, uma vez que este é um pressuposto importante para a escritura da biografia. Os universos (temporal e físico) de cada indivíduo aparecem na narrativa como importante dado, não só a localizá-lo no tempo e no espaço, mas a definir, justificar e melhor explicar determinadas atitudes.

Destarte, conhecer o universo da literatura brasileira da chamada terceira geração modernista é preponderante para entender a importância da Clarice Lispector escritora, para se ter referenciais do que se produzia literariamente no Brasil, e o quanto sua obra chocou, por um lado, mas que, por outro, representava um experimentalismo próprio da geração a que pertencia: “talvez fosse o gosto pelo ‘moderno’ que tivesse pavimentado o caminho para sua obra” (MOSER, 2009, p. 358); mas também é importante tomar conhecimento dos trágicos episódios de sua vida pessoal, desde a fuga da Europa, o estupro, doença e morte da mãe, a frustração de não ter podido salvar a genitora com seu nascimento (como se acreditava), a miséria em que viveram as três irmãs órfãs com o pai, até a morte deste, o casamento conflituoso de Clarice, os entraves na publicação de suas obras etc. No caso de Assis Chateaubriand, sua nítida influência nos rumos do país, no tempo em que esteve atuante, requer, com imprescindibilidade, uma observação acurada do contexto social e político da época, preen-

chido por duas ditaduras, com todas as características nefandas que regimes de exceção produzem.

Como afirma Levi (1996, p. 175), “a época, o meio e a ambiência (...) são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias”. Além do mais, o conhecimento, pelo biógrafo – e, em seguida, pelo público – desses detalhes contextuais garante, inclusive, a possibilidade de preencher lacunas deixadas pela ausência de documentos ou relatos específicos. Afirma Borges (2006, p. 221):

Não se pode ter a pretensão de esclarecer o mistério de uma vida somente a partir de fatos e de achados concretos; é significativo não só o que se encontrou documentado, mas as incertezas intuídas, as possibilidades perdidas etc. A sensibilidade e a intuição do historiador são muito importantes a fim de **aproveitar ausências e vazios** [grifo da autora] com os quais ele [se] depara em seu trabalho de pesquisa para também interpretá-los.

É neste momento que se casam as possibilidades de conhecimento da realidade social com o aproveitamento desta como fonte de pesquisa. O fato de, em determinadas situações, observarem-se *lugares-comuns* nos indivíduos de uma determinada comunidade, e no seu comportamento social, circunscrito a sistemas de normas gerais, permite que consigamos preencher vácuos deixados pela eventual ausência de dados, na construção narrativa.

O tempo narrativo

As histórias ficcionais guardam, no final inesperado, totalmente criado pelo autor, um caminho mais livre, uma liberdade maior do narrador ao contar os fatos, e, conseqüentemente, maior impacto do leitor ao se deparar com esse final. O mesmo não se dá com a biografia: sabem-se alguns fatos da vida contada, principalmente os que culminam com a morte do biografado – quando, este, naturalmente, já faleceu. Então, há de se ter um equilíbrio na narração da história, de forma que se mantenha a atenção do leitor para o relato, e, principalmente, “não mostrar que a vida se encaminhava para o final que teve, que tudo que aconteceu foi para levar a pessoa àquele papel na história, àquela parte final de vida.” (BORGES, 2006, p. 224).

Essa questão é importante porque determinadas atitudes e decisões do biografado podem ser analisadas pelo leitor – ou mesmo pelo autor menos atento – como incoerentes ou insensatas. Não se deve esquecer, porém, que, por sabermos as conseqüências, fica mais fácil

avaliar, atualmente, aquele ato como infeliz; mas o biografado não tinha essa noção, no momento de decidir.

Uma forma de tentar minimizar essas questões é trabalhar o tempo da narração de forma não-linear. Sabemos que nem a vida é rigorosamente linear, uma vez que fatos acontecem paralelamente, outros têm consequência futura, quando segundos fatos já aconteceram. No caso da biografia, urge que o autor procure seguir, da forma mais próxima possível a vida do biografado; além do que, um dos efeitos dessa manipulação do tempo, pelo autor, garantirá maior atenção do leitor.

Morais, por exemplo, inicia a narrativa da vida de Chateaubriand pelo delírio que se seguiu à cirurgia feita às pressas, quando este sofreu uma trombose dupla, que o deixou praticamente imóvel, sete anos antes de sua morte – é o recurso narrativo que Aguiar e Silva (*apud* D’Onofrio, 1995, p. 100) chama de analepse. Um *flash-back* retoma, em seguida, a linha do tempo, desde sua origem, mas com eventuais avanços (prolepses, segundo o já citado Aguiar e Silva) na cronologia diegética. O texto ganha uma mobilidade agradável e cativante.

Igual recurso utiliza Moser, ao iniciar a narrativa em 1946, quando “a jovem escritora brasileira Clarice Lispector retornava do Rio de Janeiro para a Itália, onde seu marido servia como vice-cônsul em Nápoles” (MOSER, 2009, p. 11). Segue-se, igualmente, um retorno ao que seria o início da história da biografada, na aldeia russa em que seus pais se conheceram. A diferença é que, bem mais que Moraes, o biógrafo da escritora alude várias vezes, prolepticamente – como referência cronológica – à morte de Clarice: “**Quando morreu**, em 1977, Clarice Lispector era uma das figuras míticas do Brasil...” (p. 12); “‘Clarice’, escreveu o poeta Carlos Drummond de Andrade **quando ela morreu**, ‘veio de um mistério, partiu para outro’” (p. 13); “João Cabral lembrou o incidente em ‘Contam de Clarice Lispector’, escrito pouco depois de **sua morte**” (p. 315).

Neste caso específico, pode-se perceber, por sua escritura, que Clarice sentia-se morrer a cada dia, a partir mesmo de quando não conseguiu salvar a mãe com seu nascimento (como desejavam o pai e as irmãs), e essa morte contínua está presente, de uma forma ou de outra, em seus personagens, notadamente naqueles criados nos últimos anos de vida da escritora. Dir-se-ia que Clarice ensaiava morrer em cada personagem que fazia sofrer ou que matava – Macabéa, a mais sintomática de todas.

Considerações finais

O texto de Vavy Pacheco Borges, que traz o exagerado título de “Grandezas e **misé-rias** da biografia” [grifo nosso], procura realizar um apanhado de informações básicas a respeito desse gênero de escrita, que vem ganhando bastante espaço na mídia, atualmente, e, conseqüentemente, no gosto dos leitores. Como a autora mesma anuncia, pretende “apenas lembrar alguns marcos e socializar algumas reflexões, com o intuito de propiciar aprofundamentos e, quem sabe, problematizações introdutórias da temática.” Tendo-o como norte, comentamos rapidamente dois trabalhos biográficos, diferentes entre si, mas confluindo para um mesmo objetivo: contar a história de vida de alguém importante – para o biógrafo e para o público a que se dirige cada obra.

Fernando Morais já escrevera a biografia de Olga Benário, esposa do líder comunista Luis Carlos Prestes e espécie de mártir judia, mandada para a câmara de gás, na Alemanha nazista, a partir da expulsão do Brasil pelo governo de Getúlio Vargas. Morais surge com mais um livro *momentoso*, desta feita sobre o *todo-poderoso* Assis Chateaubriand, proprietário de uma rede de jornais e emissoras de rádio e televisão, patrimônio construído através de falcaturas e jogadas sujas como chantagens e tráfico de influência; o epíteto que intitula o livro, “O Rei do Brasil”, leva a crer – salvo se o autor pretende irmanar-se ao biografado em seu comportamento obtuso – num sarcasmo por parte de Fernando Morais, em relação a Chateaubriand e a todos que se dobraram vergonhosamente a seus caprichos.

Falando em judia, o segundo livro lido narra a história de vida de uma família de judeus, fugindo das agruras da guerra na Europa, instalando-se no Brasil, no início do século XX. Deste sofrido clã, emergirá uma das mais decantadas escritoras brasileiras, Clarice Lispector, cuja vida, pelas mãos do jornalista e crítico literário americano Benjamin Moser, é mais que um simples relato de fatos, mas alcança níveis de apurada análise teórica da obra, e até psicanalítica da autora.

A partir destas considerações, podemos encerrar com a afirmação de Bourdieu (1996, p. 183), de que “falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que (...) uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história”, mas que esse relato não pode acontecer desligado do contexto social em que viveu/vive o biografado, sendo, portanto, necessário cuidar igualmente desse aspecto na narrativa. E, finalmente, que, ainda segundo Bourdieu (*op. cit.*, p. 189), “o relato de vida varia tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, segundo a qualidade social do mercado no qual é oferecido” e inúmeras

outras variáveis. Daí essa multiplicidade tipológica de biografias, como as aqui brevemente exemplificadas.

¹ Disponível em <http://www2.fpa.org.br/conteudo/resenhas-chato-o-rei-do-brasil-de-fernando-moraes>, acessado em 09/05/2010

² Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/11/14/benjamin-moser-fala-sobre-clarice-lispector-240928.asp>, acessado em 09/05/2010

³ Idem

REFERÊNCIAS

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo:Contexto, 2006, p. 203-233

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1**. Prolegômenos e teoria da narrativa. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. P. 167-182

MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**. A vida de Assis Chateaubriand. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. Trad. de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009